FOTOGRAFIA
DE UGO DEPREZ PRATO

PÁSCOA

N.º 24
ABRIL
1941

SUMÁRIO

Obra das Mãis pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.os 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL // ASSINATURA AO ANO, 12$00 // PREÇO AVULSO, 1$00

AMANHÃ?... HOJE!

Era em 1917, e corriam maus os dias para a França.

Nettaucourt. Perto do Quartel General de Pétain, havia uma pequena horta e terrenos incultos. O General reparou um dia que não estavam cultivados e, embora soubesse que podiam ser bombardeados no dia seguinte, ou daí a horas, ordenou que os cultivassem.

— «*Se para se fazer alguma coisa,* teria dito o grande cabo de guerra, *fôsse preciso estar a gente segura do dia de àmanhã, nunca se faria nada no mundo.*»

E os terrenos fôram cultivados — e a horta plantada de hortaliça.

Nas florestas dos Atlas.

De uma vez, em inspecção, o grande Lyautey encontra uma clareira enorme e antiga aberta entre o arvoredo. Pára e chama pelo responsável: — «Porque não há aqui árvores plantadas?... Mande já começar...»

— «Marechal: trata-se de cedros... Só daqui a trezentos anos...»

— «*Pois precisamente por isso, comece já*».

E os cedros lá estão a crescer sob as bênçãos de Deus.

«Amanhã»!... «amanhã»!...

Tremenda palavra esta a acusar tanta inércia, tanta canseira de alma, tanta preguiça, tanta mediocridade...

E aí andam as vidas, só meio realizadas — vidas deficitárias, em atrazo de cada dia e de cada hora que passa.

«*AMANHÃ!...*»

E fica a mocidade a dever à juventude e esta à idade madura — e chega a morte crèdora de virtudes que não se adquiriram e de esforços que não se fizeram e de iniciativas e promessas que ficaram por cumprir...

E virá o tempo de tôda a gente portuguesa — e a boa mocidade lusa — enfrentar corajosamente a tarefa de cada minuto — a obra de cada dia — os *hoje!* com que a vida é feita?...

«*HOJE!...*»

Sê rapariga de dizer sempre: *hoje!* para o dever e para o trabalho e para a virtude.

Nunca adiar quando se tratar de subir, de melhorar, de chegar mais alto e mais longe, *mesmo que* custe e sobretudo *porque* custa.

E a vida corre tão depressa...

«*Amanhã!*» Chegarás lá?!...

A certeza de tôdas as certezas é a hora que passa e a obra que tens entre mãos.

E' êste momento, êste agora.

Êste dia — *Hoje*.

Hoje é sempre a tempo.

A tua vida tão cheia de... «*amanhãs!*»

G. A.

FOTOGRAFIA DE JORGE COELHO MORENO

OVOS DE PASCOA

O folar da Páscoa, que as madrinhas dão aos afilhados, tem um duplo sentido religioso, ligado com as festas pascais.

Antigamente os ovos eram um dos alimentos proibidos durante a Quaresma, o que os tornava muito apreciados quando, passado o tempo da abstinência e mortificação, reapareciam sôbre a mesa familiar.

Por isso as madrinhas os enterravam nos bolos, para regalo dos afilhados.

Para santificar a alegria do reaparecimento dos ovos — nesses tempos em que as festas religiosas se prolongavam a-dentro do lar — os ovos que se comiam em Domingo de Páscoa eram levados à igreja para serem benzidos.

O simbolismo dessa bênção tornava os ovos portadores de boas festas, pois com êles se recordava a alegria da Ressurreição de Cristo.

«Desça, Senhor, vos imploramos, sôbre esta criatura dos ovos a graça da vossa bênção, a-fim-de que sejam salutar alimento dos vossos fiéis que em acções de graças os tomarem pela Ressurreição de N. Senhor Jesus Cristo». (Fórmula litúrgica da bênção dos ovos).

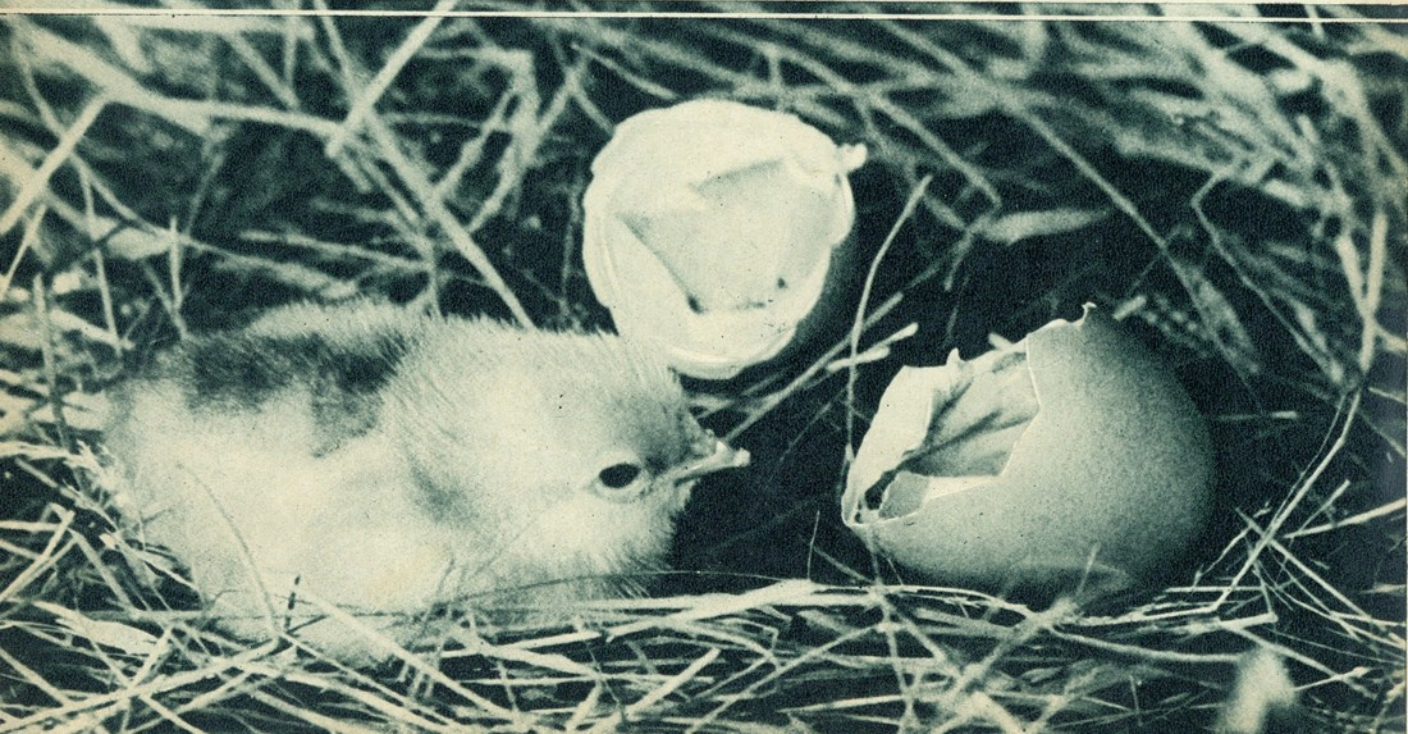
Cristo ressuscitou! O sepulcro abriu-se para dar passagem a Cristo — triunfante da morte! «Eis o dia que o Senhor fez para nossa alegria!»

O ovo lembra também um sepulcro fechado... mas um sepulcro que, como o de Cristo, encerra a vida!

Hoje, já se não benzem os ovos em Domingo de Páscoa, mas êles continuam ainda a lembrar-nos as alegrias da Ressurreição, mistério de morte e de vida, do qual todos nós devemos participar, ressuscitando com Cristo.

O Senhor saiu do seu sepulcro para «como um gigante se lançar na sua carreira» até ao mais alto dos céus... Nós seremos apenas como pobres pintainhos: mas o que importa é viver! Viver daquela vida nova que o Senhor nos reconquistou destruindo o pecado e vencendo a morte.

COCCINELLE

FOTOGRAFIA DE CESAR COSTA

Lá vamos cantando e rindo

por MARIA JOANA MENDES LEAL

A Marcha da «Mocidade Portuguesa» abre com estas palavras: «Lá vamos, cantando e rindo...»

E tão bem elas exprimem o espírito que deve anunciar a «Mocidade» que, de tôda a marcha, foi talvez a única passagem que se tornou verdadeiramente popular, adoptada carinhosamente por todos.

«Lá vamos, cantando e rindo...»

Cantar e rir! *Sim, é um lindo ideal para a Mocidade.*

A tristeza — e tudo o que a enegrece, o pessimismo, a descrença, o desânimo — são sentimentos que, como os cabelos brancos, são uma anormalidade na juventude.

Pelo contrário, a alegria — e quem diz alegria diz confiança, entusiasmo, etc. — são os sentimentos que lhe são próprios.

Mocidade que não ri nem canta, é mocidade sem fé nem ideal: é velhice prematura por doença ou vicio...

Para que a Mocidade cante e ria com a alma tôda — apesar das inevitáveis contrariedades da vida que tão cedo se fazem por vezes sentir — é preciso que a sua alegria seja mais do que uma efusão natural, expontânea e exuberante: é preciso que essa alegria seja defendida e cultivada como uma virtude.

E assim, a alegria, brotando das nascentes profundas da nossa fé, triunfará de tudo!

Pensei nisto ao ler um livro, **Paz e Alegria**, *do P.ᵉ Foch S. J., irmão e confidente do célebre Marechal Foch, que acaba de ser traduzido em português pelo P. Soares Pinheiro.*

E' um pequenino livro — 135 páginas apenas — mas que nos revela êste segrêdo espiritual e humano que tantos sábios não têm conseguido descobrir: a alegria cristã de viver!

Vou transcrever-vos uma passagem que parece ter sido escrita para vós, «Mocidade», que passais «cantando e rindo»!

Rir! Rir! ordenava aos filhos o duque de Nemours, quando, num passo mais difícil ou perigoso de equitação ou ginástica, êles poderiam ser tentados a perturbar-se e desanimar.

O riso é uma excelente higiene física e sobretudo moral, higiene tonificante e preventiva.

Rir e cantar: eis o que importa na maioria dos casos.

Antes de mais nada, antes de reflectir, no próprio instante em que há perigo de o esquecer ou omitir — o que a vida sobrenatural aconselha, o que ela exige: é sorrir a tudo.

Rir e cantar, para nos convencermos a nós mesmos da insignificância dos pequeninos azares, acidentes e incómodos que poderiam afligir-nos.

Rir e cantar, como instantânea reacção contra os primeiros assomos da natureza ou do amor-próprio, contra os manejos provocantes do inimigo.

Rir e cantar, para nos opôrmos à invasão das impressões deprimentes, do mau humor; e se a impressão doentia conseguiu entrar em nós, *rir e cantar* para lhe impedir o avanço e o domínio.

Rir e cantar para nos obrigarmos a proceder *como se estivéssemos contentes,* pois que o devemos e queremos estar, pois que nenhuma razão séria existe para o não estarmos.

Não é Deus infinitamente feliz, infinitamente santo e belo?... A sagrada Humanidade de Cristo não se encontra em posse da glória e da felicidade sem limites, que lhe valeram os seus sofrimentos? E então, *porque estás triste minha alma?*

«Nosso Senhor ressuscitou: essa é a verdadeira fonte da nossa alegria. Por mais triste que me encontre, desde que me lanço de joelhos ao pé do altar e digo a Nosso Senhor: Jesus, Vós sois infinitamente feliz e nada vos falta — sou logo obrigado a acrescentar: eis porque também eu sou feliz e nada me falta; basta-me a vossa felicidade.»

A' luz da fé, uma só coisa importa: conquistar a vida — a vida eterna, e tudo o que a sustenta e embeleza, tudo o que a alimenta e intensifica, tudo o que a enriquece e mais esplêndidamente coroa.

O valor do tempo está apenas em ser a moeda com que se compra a vida eterna. Ora, tudo nos serve para isso; logo, um *aleluia* perene!

Ou estamos sofrendo ou não. Se não estamos, abrir todos os registos da alma, soltar tôdas as reprêsas de energia, para que tudo em nós rompa livremente em notas de júbilo.

Se ao contrário estamos sofrendo, *abrir o grande órgão,* como o organista que pretende sobrepôr-se ao tumulto.

Abrir o grande órgão, isto é, fazer um apêlo vigoroso à fé, à generosidade, à energia e alegria de vontade, certos de que há grande mérito neste esfôrço que enleva o coração de Deus.

AS FLORES DA PASCOA

Páscoa florida que iluminais as nossas vidas dos esplendores da Resurreição do Senhor, que criaturas serão dignas de vos louvar condignamente pelo absoluto espírito de purêsa que nelas resida?

Só as flôres.

E quais dentre elas?

A terra veste-se de galas para solenizar a Resurreição do Senhor.

Aleluia! Aleluia!...

E' êsse o fim culminante da Primavera.

Tantas flores pelo mundo inteiro!

Cada país tem as suas, impossíveis de descrever e quási também de preferir, porque tôdas entoam o mesmo cântico dulcíssimo: *Cantai ao Senhor!*

Páscoa supõe alegria e festa, porque a santidade a que todos, louvando Cristo, aspiramos, não admite lamúrias nem lamentações de quem não está contente com a sorte que Deus lhe deu.

Há, todavia, uma flor que é mais eloqüente nos altares comemorativos da festa incomparável de Jesus resuscitado!

Essa flor é a glicínia. Tem a tonalidade das dores acalmadas e a côr da paixão divina. Tem a suavidade da nossa fidelidade ao Mestre dos Mestres, e a doçura da nossa devoção. E' delicada como a bondade do Senhor curando tôdas as feridas, e é macia e leve como um penso perfumado anestesiando a nossa chaga de amor imperfeito. Acaricia os nossos pobres olhos humanos enlevados na fé e vibrantes da ternura infinita que é o verdadeiro significado da glicínia.

Originária da China *(Wistaria Sinensis)* foi cultivada na Europa depois de 1825, e os professores de botânica chamam-lhe friamente *género de plantas leguminosas e ervas vulúveis vizinhas do feijão.*

Os jardineiros procuram os seus cachos abertos de Março a Abril, como a decoração por excelência dos mais cuidados recantos dos parques. Glicínias, flôr da Páscoa, qual é a sua linguagem?

Aspiro ao vosso amor, que nesta quadra do ano não pode ser outro que o amor de Deus. Se *glicínia é ternura*, porque não faremos da glicínia as melhores flores da Páscoa portuguêsa? Enchamos com elas todos os altares. Mocidade, fazei que delas transbordem também as vossas floridas *jarras da Páscoa.*

BERTHA LEITE

O passaro azul

POR MARIA JOANA MENDES LEAL

Muitas das pessoas, desgostosas da vida, que passam o tempo a queixar-se porque se julgam malfadadas pelo destino, se aprendessem a apreciar melhor os bens que possuem, não seriam tão injustas para Deus, nem tão invejosas do próximo e tão infelizes elas próprias.

Somos mais ricos e afortunados do que imaginamos! Mas grande parte das nossas riquezas, são tesouros ignorados que precisamos de descobrir; e as nossas melhores felicidades, porque têm nomes familiares e uma aparência humilde, são estrêlas apagadas, quando poderiam ser astros resplandecentes!

Há gente moça que julga dar prova de superioridade mostrando-se desencantada da vida, falando com um pessimismo amargo até da doçura dos frutos... que ainda não provou!...

Há rapazes e raparigas que tendo «nascido num fole» (como outrora se dizia nos contos de fadas) e que de mãos postas deveriam agradecer a Deus os dons de que Ele os cumulou, passam a vida a lamuriar tristezas como qualquer pobre pedinte!

Pobres e ricos, novos e velhos, todos temos motivos para bemdizer o Senhor.

Quem poderá contar o número de pequenas alegrias que, como as flores do campo, nascem debaixo dos nossos passos no caminho da vida?

Mas, porque são pequenas, desprezamo-las, nem damos por elas!

Esquecemos que bem pequenas e singelas são as violetas, e um ramo de violetas perfuma a casa tôda!

Desejamos ser felizes, mas deixamo-nos seduzir pelo que é grande e brilhante.

E' um êrro pensar que a alegria e o prazer são irmãos gemeos! São tão diferentes, que quási nem têm ar de familia!

Os prazeres poderão ser raros na nossa vida e não nos farão falta.

As alegrias precisamos delas para viver, porisso Deus, na sua Providência, espalhou tantas à nossa roda.

— Mas onde estão as minhas alegrias?—preguntareis vós.

E' a eterna história do pássaro azul, simbolo da felicidade, que se procura por tôda a parte e que, afinal, vive connosco, no nosso lar!

Que cegueira a nossa! Só depois de nos termos cansado e sofrido muito à procura do misterioso pássaro azul, sem conseguir encontrá-lo, é que reconhecemos com pasmo que o pobre passarinho que temos encerrado numa modesta gaiola da nossa casa, e que nos parecia sem graça nem côr, é azul, azul como o próprio céu!

Mas, ai de nós!—ás vezes, quando regressamos, já o pássaro fugiu...

FOTOGRAFIA DE FERNANDO DA PONTE E SOUSA

PÁSCOA - FESTA - DO - TEMPO - E - DAS - ALMAS

A Páscoa é a festa da alegria. O mundo resplandece na primavera do tempo; e a graça, merecida por Jesus Cristo, padecente e ressuscitado, transforma a vida, conciliando a dor com a alegria e tirando da dor as mais inexgotáveis riquezas.

Mas conciliação não é supressão. Enquanto o mundo for mundo, existirá a dor, porque é universal como a vida. Apesar da Ressurreição, em todos os altares da terra, pode não estar Cristo sob outras formas: Cristo Crucificado está sempre...

* * *

A Cruz torna fecunda a dor. Sentinela da vida, a dor acompanha-nos para a reflexão e para a acção, para o amor e para a virtude. Sem ela até o prazer redundaria em martírio. Mas se nos vigia os passos, a dor não é a vida, comum e terrível engano dos que acham sombria a religião do Crucificado.

Não! Não se ama a dor pela dor, não se ama a cruz pela cruz! Ai de nós se parássemos só na cruz, ou se Cristo Crucificado não passasse daí. Vã seria a nossa fé! É de S. Paulo. Se Cristo acabasse na cruz, com ser o mais sublime dos homens, não seria mais que homem. E parecendo tudo, não seria nada... A cruz poderia ter sido apenas o tormento de um homem extraordinário. A Ressurreição prova que Êsse, que assim padeceu da cruz, se é Homem, também é Deus. Ressurgindo dos mortos, o Homem-Deus entra no estado definitivo do triunfo e da felicidade...

* * *

E aqui está o sentido e a lição profunda da Páscoa. Indo com Cristo, pelo caminho da graça, se a dor nos aflige, acena-nos a esperança. Com Cristo, e como Cristo, ressuscitaremos também um dia para a felicidade suprema. E esta firme esperança é a flor da alegria...

Surjam invernos gelados a entorpecer-nos o sentimento; sobrevenham estios violentos a queimar-nos o coração: sabemos que, gêlo e brasas, tudo é transitório, e que afinal, com Cristo na alma, o seu triunfo será o nosso triunfo, a sua alegria será (e já é para quem vive em Cristo) a nossa alegria, perene primavera interior.

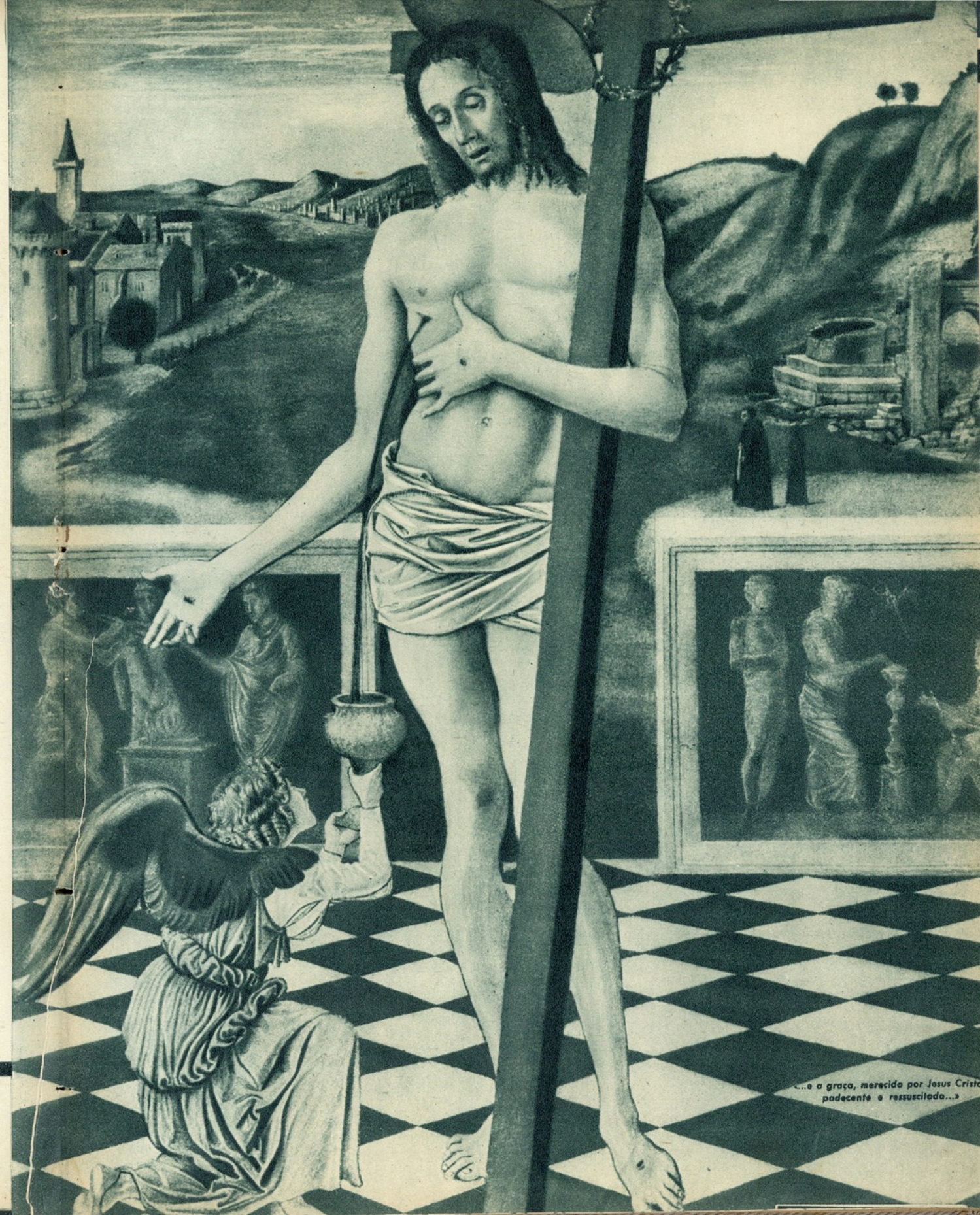
É a grande certeza da vida!

Com ela no coração, fala-nos dentro o Cantor Divino, e a sua voz suave e eficaz, sobrepondo-se à dor, transforma a vida: O inverno acabou, as chuvas findaram! As flores desabrocham nesta terra que é nossa. Ouve-se o gemer da rôla, a figueira dá fruto, a vinha em flor oferece-nos os seus perfumes...

Maravilhosa harmonia de realidade e simbolismo, a desta época do ano!...

Bendita a Páscoa, alegria do tempo e das almas!...

Aleluia!

SERAFIM LEITE

«...e a graça, merecida por Jesus Cristo padecente e ressuscitado...»

1 Conto da Páscoa

FOTOGRAFIA DE CÉSAR COSTA

NAQUELE Domingo de Páscoa, Margarida, uma pobre velhinha, regressava da Missa para a sua cabana, situada no fim duma aldeola, escondida na montanha. Margarida, como os que vivem muito sós, ia falando consigo mesma.

— Sou pobre, perdi os que amei, mas sou feliz, Senhor, a-pesar-de tudo. Tenho-Vos a Vós, e sei que um dia irei para o céu. Tenho a nossa igreja, oiço os sinos tocar na minha casinha quando estou triste. Tenho pão, água, as minhas batatas, e agora até me deram uma galinha. Hoje vou comer um ôvo para festejar o dia.

Só invejo aos ricos poderem dar esmolas; ai dar, dar, não só um bocadinho de pão, mas coisas boas, coisas que êles não comam nunca.

Mas que é isto?! Junto ao banco que precede a sua pobre casinha, está caído um jóvem envôlto numa manta escura que lhe cobre a cara, e só deixa ver a sua loira cabeleira.

— Que tens, irmãozinho, pregunta Margarida solícita, e levantando o pobre viajante leva-o para a sua casa.

— Tenho frio, tenho fome.

— Senta-te ao pé do lume, vou deitar mais lenha, aquece-te, come, tens aqui um resto de sopa, mas espera, vou dar-te o ôvo que hoje pôs a minha galinha. Isso dar-te-há fôrça.

Sem tocar no alimento que lhe era ofertado, o jóvem dum movimento cheio de magestade lançou para longe o manto remendado e os olhos extasiados da caritativa mulher contemplaram um Anjo, cujos olhos resplandeciam de inteligência e de bondades, cuja beleza a encantava, e que lhe dizia com voz celestial de harmonia sem par:

— Margarida, fôste boa e deste tudo que possuías, ao pobre desconhecido. Venho em nome d'Aquele que hoje triunfou da morte preguntar-te; Que desejas? tudo eu te concederei.

— Tenho a graça de Deus e a esperança do céu. Estou satisfeita.

— Mas, retorquiu o Anjo sorrindo, há ponco li na tua alma um desejo ardente. Vou satisfazê-lo. A partir de hoje, todos os Domingos de Páscoa poderás dar um ôvo a cada criança que a ti vier.

E como a pobrezinha, cheia de confusão, dizia: — Só possuo uma galinha, onde encontrarei tantos ovos, o Anjo acrescentou: — Alma de pouca fé, lembra-te de Elias, quando um dia, cheio de fome, pediu a uma pobre viuva qualquer coisa de comer, e esta lhe disse: Só tenho um resto de azeite na almotolia, e um pouco de farinha num prato, mas com isso te amassarei um pãozinho. E Elias, o profeta de Deus, abençoou-a, dizendo: — O azeite nunca se exgotará na tua almotolia, nem acabará a farinha no teu prato, emquanto a fome não terminar. (Era um ano de grande fome). E assim aconteceu. Tem fé e lembra-te que a esmola centuplica aquilo que se dá.

Desapareceu o mensageiro celeste; mas à porta da pobre choupana passou um rancho de criancinhas pálidas e doentias.

— Parai, chamou-as a feliz Margarida: aqui tendes um ôvo para cada uma, será a vossa merenda de Páscoa. Mandai vir aqui tôdas as crianças da aldeia, tenho ovos para tôdas.

E o milagre continuou; nas mãos da pobresinha os ovos multiplicaram-se emquanto houve crianças a satisfazer. Emquanto foi viva, todos os Domingos de Páscoa, o mesmo prodígio se deu! Um dia porém, os sinos da Páscoa anunciaram a partida para a eternidade da alma simples e caritativa que fôra receber o prémio duma vida tôda empregada no serviço de Deus.

O milagre dos ovos de Páscoa cessou, mas continuou o costume de nessa Festa se distribuir pelas crianças ovos, alguns pintados, outros de chocolate, etc. Eis a lenda dos ovos da Páscoa, como contam na Auvergue.

Possa a M. P. F., também como Margarida, encher de alegria muitas criancinhas, distribuindo-lhes ovos de Páscoa, folares e amêndoas: que o Anjo Pascal multiplique os seus dons!

V. P.

A M.P.F. NO ALGARVE

(EXTRACTO DUMA CARTA)

As fotografias que envio focam diversos aspectos das aulas de Educação Física da M. P. F. do Liceu João de Deus, de Faro.

Quando o tempo o permitia, as aulas eram dadas ao ar livre, num campo mesmo ao lado do Ginásio, onde se improvisavam jogos, que tanto estimulavam a boa camaradagem e colaboração entre as alunas e onde, muitas vezes, se acompanhavam os movimentos finais da lição cantando.

As alunas gostavam e eu sentia-me feliz de as ver contentes.

Muitas destas raparigas fizeram o curso de Graduadas, que freqüentaram com regularidade e aproveitamento.

Era enternecedor vê-las na aula de culinária, tôdas de branco, pequeninas donas de casa, preparar o almôço, serví-lo e tratarem de tudo com um cuidado, um carinho, um interêsse que demonstravam bem o esfôrço e a boa vontade necessários para vencer certas dificuldades próprias da pouca idade.

Nas aulas práticas de comando fôram o melhor possível. Não se poderia querer mais.

Muito correctas nas suas fardas, fôram algumas vezes às Escolas Primárias iniciar a sua actividade, quer colaborando nas aulas de Educação Física, quer nas aulas de Canto Coral.

Era deveras encantador ver essa meia dúzia de raparigas, tão simples e despretenciosas, manter a ordem e saberem-se impôr, sempre «cantando e rindo», às pequeninas Lusitas e Infantas, ora organizando jogos próprios destas idades, ora fazendo rodas cantadas para terminar a lição alegremente.

Para fechar o curso, realizou-se um passeio comemorativo, num barco que a Graduada Maria Eduarda Seromenho pôs à disposição de tôdas as Filiadas que quisessem e pudessem colaborar na festa de despedida.

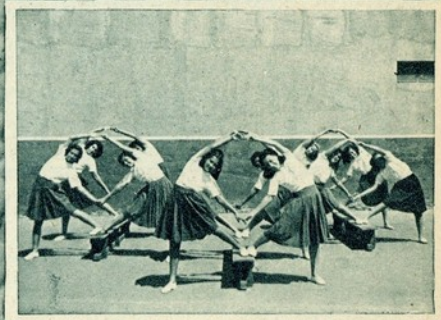
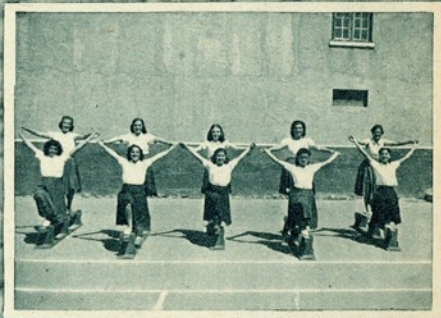
Este grande barco tinha pequenos barcos que se prestavam e convidavam ao remo.

Um pouco de exercício dá fôrça, vigor e boa disposição. E lá fomos tôdas, por turnos (não fôsse o barco voltar-se com o pêso...) aplicar e experimentar as fôrças adquiridas nas aulas de Educação Física durante o ano.

Na festa de Sagres a M. P. F. fêz-se representar por um Castelo, um alegre grupo de raparigas a dar encanto ao conjunto com os seus sorrisos francos e a sua confiança nos destinos da Pátria.

Sagres já de si é imponente na sua grandiosidade, no seu silêncio que fala. Sagres impõe-se por si mesma, e todos os que ali fôram sentiram-se comovidamente felizes pela beleza do momento e pelo seu duplo significado. Vivia-se a história de Portugal — o seu passado glorioso e o seu presente de ressureição.

...Que tôdas as raparigas de Portugal saibam compreender o que se lhes exige, e pela sua simplicidade, pelo seu carinho, pela sua elevação, saibam orientar as que dependerem delas. Assim deve ser e é preciso que assim seja para que Portugal continue a ser sempre «uma das potências mais espirituais do mundo.»

Maria Dolores Gourinho

1 — As graduadas, durante uns minutos de descanso, deixam-se fotografar

2 — Um aspecto dos exercícios de ginástica

3 — Outro aspecto: bom equilíbrio!

4 — Passeio das graduadas. A bordo

AS MENINAS

D. ANICA........ 80 Anos   D. JOSEFINA..... 75 Anos

(Vestidas de boa sêda, touquinhas sôbre os caracóis brancos. Óculos. Ambas fazem «tricot»)

D. ANICA
(suspirando e abanando a cabeça)

As meninas d'outros tempos
Eram diferentes d'agora...

D. JOSEFINA *(espevitada)*

Levavam anos e anos
A brincar p'la vida fora!

D. ANICA
(grave, o indicador em riste).

Isso agora é exagero.
Aprendiam a coser
E bordavam com esmero!

D. JOSEFINA *(indulgente)*

Passeavam com as Mamãs...

D. ANICA *(atalhando)*

Mas só depois das lições! *(erguendo o indicador)*
E as conversas eram poucas
As horas das refeições!

D. JOSEFINA *(suave)*

Eram boas as Meninas:
Davam esmola aos pobresinhos...

D. ANICA *(azêda)*

Mas nunca s'incomodavam
A fazer-lhes os fatinhos!

D. JOSEFINA *(com fôrça)*

Estudavam, trabalhavam:
Eram boas, coitadinhas!

D. ANICA *(pensativa)*

Que pena é que as d'agora
Andem assim pintadinhas...

D. JOSEFINA *(lamentando)*

E levem dias e dias
Nos cinemas e nas danças!

D. ANICA *(com fôrça)*

Pensam muito, ainda assim,
Em ensinar as crianças

D. JOSEFINA *(idem)*

Fazê-las amar Jesus
Mostrar-lhes o bom caminho...

D. ANICA *(sismática)*

Tratam de vestir os nus...

D. JOSEFINA *(com admiração)*

E em tudo isso... que carinho!

D. ANICA
(parando de fazer «tricot»)

Minha amiga, quais serão
As melhores d'essas meninas?
Qual é a sua opinião
Sôbre as nossas pequeninas?

D. JOSEFINA *(largando o «tricot»)*

Eram boas as antigas e boas são as de agora!

D. ANICA E D. JOSEFINA
(levantando-se e dizendo ao mesmo tempo, olhando o público)

Tôdas essas raparigas
Sabem ser (muito embora
Pareçam não ter juizo)
(confidenciando uma à outra)
Portuguesas de valor
Trabalhando com ardor
(com fôrça)
Quando é preciso!

— CAI O PANO DEVAGAR —

A coragem de Tereza Telles

Descansaram, finalmente. E iam já sentar-se a conversar no «hall», diante de novos refrescos, quando ouviram no terreiro uma grande gritaria, junto ao tropel de cavalos que relinchavam.

Levantaram-se num impeto e, de revólveres em punho, correram para fora de casa.

Um avião, pontinho negro que se destacava no céu cinzento e nublado, vinha descendo ràpidamente em direcção ao campo.

— Será Ruby? — gritou Tregor.

— Virá o petiz? — gritou Joey.

O avião descia precipitadamente, aos solavancos, gingando-se. Precipitaram-se todos para reconhecer os dois homens que tripulavam o avião — e com espanto viram que era um casal. O piloto era uma mulher, uma inglêsa de certo, e só uma «panne» a obrigara a aterrar, naquele ponto afastado do Far-West.

A maior prudência era precisa agora; e, enquanto acompanhavam os aviadores à casa, para lhes oferecer uma sumária hospitalidade, Joey piscou o ôlho aos «cow-boys», como aviso supremo.

— Gostava de descansar uma hora — pediu a aviadora, depois de comer — será isso possivel? Quero partir, ainda hoje, para chegar amanhã à festa do meu Club.

— Está bem! — exclamou Tregor, pondo vários rapazes a ajudar ao arranjo do avião, cuja asa sofrera uma pancada, e satisfeito com a idéia de ver partir aqueles hóspedes indesejáveis, acompanhou amàvelmente a aviadora a um pequeno quarto, junto ao de Tereza.

Ainda exausta e agora absolutamente assustada, Tereza acordara daquele sono pesado, espécie de entorpecimento de todos os seus membros, mas que em nada diminuia a lucidez do seu espirito.

Ouviu mexer e correr água no quarto junto ao seu... Seria Tregor, o seu horrivel algoz?

Escutou imóvel... E, de repente, ouviu, numa espécie de zumbido, o cantarolar da melodia em voga naquele inverno:

«I love my own Jackie so much».

Era uma voz de mulher; e o inglês que ela pronunciava não era de americana; devia ser uma inglêsa.

Amiga? Inimiga? Entre os dois quartos havia uma porta; mas estava fechada à chave e a chave tirada da fechadura.

Tereza não tinha com que escrever, nem um bocadinho de papel sequer! Procurou o seu lenço; e com o broche que lhe segurava a gola da blusa, começou a tentar gravar no lenço as quatro letras que formavam a palavra socorro em inglês;

HELP!

Com o bico do broche, tendo esticado o lenço sôbre a mesa, ia rasgando

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

cuidadosamente as letras; ¿percebe-ria a desconhecida que era um brado de aflição? Acabado aquêle trabalho, Tereza deu duas pancadas leves na porta e esperou... A aviadora parou de cantarolar; então Tereza tentou meter o lenço, pouco a pouco, debaixo da porta. Ouviu um ligeiro — Oh! — e daí a minutos apareceu um bilhete de visita por baixo da mesma porta. Sobressaltada, Tereza precipitou-se e leu:

«Sou a aviadora inglesa Meg Holly, parto hoje. Posso ajudá-la?»

Ah, sair do rancho no avião daquela boa inglesa! Que sonho! Mas como, se estava ali fechada naquele cubículo? Reparou que debaixo da porta a boa aviadora metera um pequeníssimo lápis; e então rabiscou no mesmo papel:

«Se pudesse ir consigo! Fui roubada, são bandidos!»

E esperou pacientemente.

Daí a minutos, voltou um papelinho maior, e dizia assim: «Esteja sossegada. Vai comigo. Escute minha cantiga logo.»

Então a pobre Tereza encheu-se de ânimo. Levantou-se, lavou-se e reparou, oh felicidade! que a porta para o corredor não estava fechada à chave. Seguiu pelo corredor fora e chegou ao grande hall, onde estavam tomando chá as mulheres do rancho. Logo avançou para ela a mais velha e, entregando-lhe um fato completo de cow-boy, que tirou dum armário, disse, lacònicamente:

— Depois do chá vá-se vestir; tem de começar a montar a cavalo esta tarde.

Tereza acenou que sim; e sentando-se à mesa do chá, tratou de se alimentar o melhor possível; precisava de tôdas as suas fôrças, de todo o seu ânimo, de tôda a sua coragem!

Acabado o chá, com largas fatias de pão com manteiga e marmelada de laranja, correu ao seu quarto a tentar comunicar com a aviadora. Ouviu-a cantarolar: «Eu parto dentro de meia hora...» Como se visse sòzinha no corredor, espreitou para o quarto da inglesa, cuja porta estava encostada; passou depressa a cabeça e murmurou ràpidamente:

— Vou montar a cavalo lado norte; espero chegada seu avião.

Fugiu para o seu quartinho e vestiu-se num pronto. ¿Que iria suceder-lhe? Ia montar sem selim um cavalo desconhecido e talvez bravo. Coragem, Tereza Teles! Se não se agüentasse, morreria talvez... Tudo era preferível à vida que a esperava ali, longe de todos os seus, entregue à brutalidade de Allan Tregor e da sua quadrilha.

Quando apareceu pronta no hall, as raparigas olharam-na indiferentes; e a mais velha preguntou-lhe:

— ¿Tem mêdo de ir só? ¿Já montou algum cavalo em pêlo?

Tereza, com altivez, respondeu:

— Nunca montei sem selim; mas quero experimentar ir sòzinha.

Algumas olharam-na com simpatia, pela sua coragem; outras ficaram indiferentes.

— Dá-lhe o Gangster, Molly; é trambulhão certo logo que êle lhe sentir as pernas! — exclamou uma.

Mas Molly, repreendendo-a, respondeu:

— Não se trata de matar ninguém; Allan Tregor quere que ela aprenda a bem montar. Vai no Coroner por hoje.

Tereza, porém, não queria partir muito antes da aviadora; e foi interrogando Molly, vagarosamente, enquanto ela se encaminhava para as cocheiras. Todos os cow-boys estavam no vasto pátio, dando os últimos toques no avião, com o mecânico inglês. Inquietos pela falta de notícias de Ruby, sem nada saberem do filho do banqueiro, preocupados com a perseguição de que iam ser alvo, os bandidos agora só queriam apressar a partida do avião dos inglêses; e o próprio Tregor não deu quási importância ao aparecimento de Tereza, montada garbosamente no cavalo Coroner.

— Para o norte há melhor caminho — gritou Molly dando uma forte chicotada ao lado do cavalo, cujo estalo fez partir o animal a galope, em doida desfilada, em riscos de atirar ao chão a inexperiente cavaleira.

Meia hora depois partia o avião suavemente entre os sorrisos amáveis... e falsos, de parte a parte.

— Sume-te para o inferno! — gritou Allan Tregor, quando o avião ia já a cem metros. Se êle o seguisse com mais cuidado... Ter-lhe-ia valido a pena ficar no terreiro em lugar de voltar para o «hall» com os seus companheiros, a deliberar sôbre o caso Rosing.

O avião já se não via do rancho; e a boa aviadora, aproveitando uma pequena colina para melhor o dissimular, começou a descer devagarinho.

Teresa viu chegar o abençoado avião! Tinha vindo do céu, como se o mandasse um anjo de propósito para a salvar! Era a sua Madrinha Santa Teresinha que a protegia...

Desceu do cavalo e esperou.

Momentos depois, o mecânico estendia-lhe os braços, puxava-a para a carlinga, e o avião subia depressa sem que viv'alma tivesse presenciado a manobra! Teresa estava salva!

Um hino de gratidão a Deus subiu do seu coração sincero! e começou a pensar na louca alegria de abraçar o pai e o irmão...

Como ela estava longe, ainda de saber tôda a desgraça dos seus... Passaram a noite tôda no ar: mas a certeza de ter fugido aos bandidos era tão absoluta em Teresa que se deixou adormecer sossegadamente até à manhã seguinte.

. . . .

O banqueiro Rosing vivia no bairro mais elegante de Clevelant; e o seu palácio luxuoso erguia-se no meio dum lindíssimo parque, cujas árvores e flores eram célebres em Ohio. Casado com uma mulher bondosa e bonita, a alegria daquele lar feliz, onde nada faltava, era devida, sobretudo, às três crianças que o enchiam de risos constantes: Marjorie, linda pequena de dez anos e o casal de gémeos, Ellen e Pete, de cinco anos.

Já por duas vezes o palácio Rosing fôra assaltado; mas devido às largas gratificações do banqueiro, a polícia, pública e privada, por tal forma se entregou à defesa dos seus haveres e de sua família, que os ladrões pouco ou nada conseguiram roubar.

Começaram, então, as cartas anónimas ameaçadoras a perturbar a vida da família: e a pobre Mrs. Rosing enchia-se de verdadeiro pavor quando chegavam a White Lodge as ameaças brutais dos «gangsters».

Como, porém, o parque de White Lodge era vasto, e os seus relvados se estendiam bastante longe, as crianças tinham muito por onde espairecer e raras vezes saíam. Todo o pessoal era de confiança; conhecido, havia anos já: e a própria nurse dos gémeos tinha entrado ao serviço dos Rosing com o nascimento dos 2 pequenos, e tinha pelas crianças uma verdadeira loucura.

Nanny, como lhe chamavam, era uma simpática mulher de trinta anos, sempre bem disposta e alegre, a quem Mrs. Rosing entregava os dois gémeos com absoluta e justificada confiança. Nanny e Teresa eram as criadas das crianças.

Tinha, porém, um ponto vulnerável, a boa Nanny: a adoração por um sobrinho, filho da sua única irmã, viúva.

E uma manhã em que Nanny estava a coser sôbre o relvado, enquanto Ellen e Pete brincavam alegremente e Marjorie se divertia a tirar Kodaks aos irmãos, veio uma rapariga avisá-la, da parte da irmã, de que o seu sobrinho estava doente e reclamava a sua presença. Nanny ficou cheia de cuidado; e a rapariga lembrou:

— Se quiser ir vê-lo um instante, visto os seus patrões ainda estarem recolhidos, a sua irmã fica feliz, coitada. Num táxi chega lá em 3 minutos!

— Os pequenos estão entregues a mim — respondeu Nanny, bruscamente — Não posso deixá-los.

— Ora, que mal lhes pode acontecer dentro do parque? — tornou a rapariga admirada. — E se quiser eu fico aqui à espera da sua volta: sou tão amiga do seu sobrinho, que posso bem fazer isto por êle.

Nanny não resistiu à tentação: avançou até ao portão, chamou um taxi e, acenando com a mão aos pequenos, que brincavam no relvado, saiu.

Ellen deixou-se ficar a brincar; Marjorie continuava com os retratos; mas Pete correu para o portão fechado e gritou: — Quero ir com a Nanny! — fixando a rapariga para que lhe abrisse o portão.

A sua figurinha engraçada destacava-se, direita, sôbre a relva. A rapariga olhou disfarçadamente em redor; como se viu ali só com os pequenos, sorriu, beijou Pete e, pegando-lhe na mão, disse, simplesmente:

— Vamos buscar a Nanny — saindo o portão com o maior sossêgo.

Minutos depois, adormecido com drogas, Pete Rosing era levado pelos ares no avião de Ruby! E quando, daí a menos de meia hora, a pobre Nanny voltou, espantada com o recado que recebera e de que, é claro, a irmã nada sabia, parecia que um vento de loucura soprara em White Lodge!

(Continua no próximo número)

LÁ NA MINHA BEIRA ANDAM A JUNTAR-SE, QUE TEMPOS, OS OVOS PARA OS «BOLOS DA PASCOA». UMA FORNADA GRANDE LEVA CEM OVOS!... MAS É UMA FARTURA! UM TABOLEIRO CHEIO! DALI SE FAZ O QUINHÃO DE TODOS.

O BOLO MAIS BONITO, O QUE CRESCEU MAIS E ESTALOU MAIS APETITOSO, É PARA O FOLAR DO SENHOR PRIOR. TEM AS HONRAS DO DIA, SOBRE A TOALHA MUITO BRANCA, AO LADO DA LARANJA ONDE OS POBRES ESPETAM A SUA OFERTA: UMA HUMILDE MOEDA.

O SENHOR PRIOR ENTRA, DÁ AS BOAS-FESTAS, SORRI E ABENÇOA... O SACRISTÃO RECOLHE NO CESTO OS PRESENTES.

POBRES E RICOS TODOS SE SENTEM FELIZES COM A VISITA. PÁSCOA! A PASSAGEM DO SENHOR! E *PASSANDO* JESUS DEIXA MAIS LUZ NO LAR E MAIS ALEGRIA NOS CORAÇÕES!

ABRAMOS BEM LARGA A NOSSA PORTA PARA O SENHOR ENTRAR...

E QUE HAJA FLORES POR TODA A PARTE...

E QUE SOBRE A MESA O FOLAR TRADICIONAL, AMASSADO PELAS NOSSAS PRÓPRIAS MÃOS, SEJA UM DOM DE AMOR...

RECEITAS DA PÁSCOA

6 ovos, 700 grs. de farinha de trigo, 350 grs. de manteiga, 120 grs. de passas, 120 grs. de corintos e duas colheres de fermento de cerveja. Desfazem-se as 2 colheres de fermento com 4 colheres de farinha e um pouco de leite môrno com água; faz-se uma massa, que deve ficar como um creme bem grosso. Põe-se numa tigela perto do fogão e tapa-se. Batem-se bem a manteiga com uma chicara de assúcar, 3 ovos e uma colher de farinha; juntam-se os outros 3 ovos e 2 colheres de farinha, mexe-se mais, deitam-se 3 colheres de farinha 1 2 chicara de leite môrno, mais 3 colheres de farinha, meia chicara de leite môrno e o resto de farinha; depois junta-se mais o leite preciso para que a massa não fique muito grossa. No fim mistura-se-lhe o fermento que está perto do fogão, as passas, os corintos e bate-se um pouco. Esta massa deve ser feita na véspera à tarde e deixa-se na tigela coberta com um cobertor.

Forra-se e fundo dum tabuleiro com papel e os lados untam-se com manteiga. Põe-se a massa no tabuleiro com a mão, polvilhada com farinha para se não pegar, e deixa-se ficar um bocado para crescer. Esta massa depois de posta no tabuleiro, fica da grossura da massa do «Pound cake». Depois da massa ter crescido põe-se-lhe com um pincel manteiga derretida na parte de cima — sôbre a manteiga espalha-se em camada delgada a seguinte mistura: meia chicara de farinha, uma de assúcar, algumas amêndoas em tiras e casca de laranja. Rega-se com o resto de manteiga derretida. 60 grs. de manteiga é bastante para derreter. Vai ao fôrno.

Folar de carnes à moda de Bragança

Toma-se um quilograma de massa de farinha de trigo, lêveda, deitam-se-lhe 12 ovos, uma pitada de sal fino, 150 gramas de banha de porco derretida e 100 grs. de manteiga igualmente derretida e quente. Liga-se tudo muito bem de modo que fique numa massa fluida permanentemente uniforme. Depois vai-se acrescentando farinha pouco a pouco e amassando durante cêrca de vinte minutos, até que a massa fique enxuta. Cozem-se imperfeitamente 250 grs. de bom presunto, igual porção de toucinho e de paio, frege-se, em fatias, o mesmo de lombo de porco e guisam-se dois frangos.

Estas carnes, limpas de ossos, cortam-se em fatias delgadas, para se poderem distribuir com igualdade. Quando as carnes estão preparadas divide-se a massa em duas partes iguais; metade estende-se à mão, em rectângulo, coloca-se dentro dum tabuleiro de ir ao fôrno, 0,m30 X 0,m20, convenientemente untado com manteiga e dá-se-lhe a forma dêsse tabuleiro. Sôbre ela dispõem-se as carnes, misturadas com a máxima igualdade possível; por cima das carnes, deitam-se umas colheres de gordura, do caldo em que elas fôram cozidas e do môlho do guizado e cobre-se tudo com a outra metade da massa estendida, que deve cobrir as carnes. Sôbre esta camada de massa dobram-se os bordos da de baixo, formando como uma guarnição de cordão. Sôbre a tampa traçam-se sulcos em diagonal, formando losangos, doira-se a superfície superior com gêma de ôvo batida, aplicada com um pincel de pena e leva-se ao fôrno, depois de ter deixado descansar a massa no tabuleiro, algumas horas. Querendo pode fazer-se maior mistura de carnes tais como: perús, coelhos, etc.

VESTIDINHO DE CRIANÇA

ÊSTE LINDO VESTIDINHO, EM LINHO COR DE ROSA, TEM O ESPELHO E A BARRA BORDADOS A CORES.

AS PINTAS SÃO EM AZUL E AS FLORES, MUITO SINGELAS, SÃO AZUIS, AMARELAS E COR DE ROSA; AS FOLHAS SÃO VERDES.

A FACHA, QUE É RECORTADA A BRANCO, DÁ UM LAÇO ATRÁS.

TRABALHOS de Mãos

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

E' BELA A VIDA DO CAMPO!

QUEM abandona por algum tempo a vida agitada das cidades, aquela vida cheia de artifícios, onde a mentira e a falsidade dominam, onde os prazeres cansam e o ar sufoca, para repousar alguns dias no campo, não pode deixar de sentir o benefício salutar, que a viva campesina nos oferece.

Em contacto com a Natureza, as coisas simples do campo atraem a nossa alma, ensinando-nos a meditar...

A gente do campo é de alma franca, coração aberto, comunicativa, prestável e bondosa. Essa bondade sente-se e ouve-se nas cantigas, ora alegres ora maguadas, à môça da lavoura, à rapariga que guarda os rebanhos, à lavadeira que estende a roupa branca perto do cristalino regato.

A vida campestre é feita de canções: — do canto harmonioso dos madrugadores galos que são o relógio da aldeia; do chilrear dos pássaros na doçura dos quentes ninhos; do soluçar das fontes; do gemer das noras; do sussurro das árvores, que sorriem na Primavera e choram no Outono...

Qualquer pequeno trecho de paisagem campesina, bem observado e bem compreendido, vale muito mais do que as grandes cidades onde nem sequer o ar que se respira é puro.

O campo é hospitaleiro! Dispensário para as saúdes abaladas! O seu silêncio convida-nos a amar a solidão, a ouvir as vozes dos montes, os queixumes das árvores centenárias e os lamentos das águas paradas.

No campo todos estão em família: até as próprias plantas, trepando pelas paredes das brancas casinhas de telhados vermelhos, assomam-se pelas janelas saúdando os seus moradores.

No campo tudo é poesia e beleza, desde a luz cândida do amanhecer à escuridão das noites tenebrosas.

De bom grado eu substituiria o meu pequenino frasco de essência pelo perfume natural dos campos cobertos de rosmaninho e alecrim!...

De bom grado até, eu preferiria a qualquer guloseima, uma fatia do saboroso pão caseiro!...

MARIA LUCINDA FONSECA TRINDADE — Filiada n.º 11.811 — Centro - 1 — Ala - 1 — FARO

«Uma alma que se eleva, eleva o Mundo»

A História confirma-o: foi a alma portuguesa, a «anima» dos Descobrimentos que elevou o Mundo, lhe deu uma nova civilização.

Foi o espírito do Infante D. Henrique, de D. João II, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Bartolomeu Dias, Fernão de Magalhães, Gonçalo Velho Cabral, Bartolomeu Perestrelo, António da Mota, Tristão Vaz Teixeira, Gaspar Côrte-Real foi, numa palavra, a alma colectiva de Portugal, corações a bater em unissono, a pulsar por um mesmo ideal, que em estudos, descobertas científicas, elevaram a Pátria, elevaram o Mundo.

Foi uma alma porque outra coisa se não pode chamar à junção perfeita de dirigentes e da massa anónima dêsses simples marinheiros, que arriscavam a vida por um ideal tão nobre: o bem da Humanidade.

E assim os negros ferozes, brutais, semelhantes a feras, civilizaram-se ouvindo a palavra dôce de S. Francisco Xavier, Padre António Vieira...

Portugal quisera e conseguira.

E como se ainda fôsse pouco, um Homem surgiu: Camões.

Em verso, nesse verso divino, de que pode considerar-se o genial intérprete, escreveu tôda a História Portuguesa, cantou «a vida anímica» que nos conduziu aos Descobrimentos.

Em estâncias heróicas, a vida dum povo perpassa ante os olhos extasiados daqueles que lêem «Os Lusíadas».

Camões incarnou a verdadeira alma das Descobertas, a alma imortal dum povo imortal!

Portugal elevou-se, pois; o Poeta pode considerar-se o espírito mais inteligente da época e o seu Livro figura, sem dúvida, entre os melhores dessa época brilhante que foi a do Renascimento.

Uma alma elevada, eleva o Mundo, quer seja a alma conjunta dum povo ou sòmente o coração dum homem como o de Pasteur, Marconi, de todos os que trabalham em proveito da Civilização.

Maria Helena Alves Pôrto Costa

Filiada 10.903 — Centro 1 — Ala 1 — FARO

Distribuição de berços

... O aspecto das salas era encantador: berços, muitos berços!

Berços: quem não há-de comover-se diante dum berço? E os nossos olhos enternecidos voavam... pairavam nos bercinhos frescos e risonhos que brevemente se iam povoar de pequeninos sêres, bèbèzinhos cheirando a Deus e a céu.

Um berço é qualquer coisa de fatal e feliz, de mistério e esperança: uma alma que sai das mãos de Deus para a vida, para o destino.

Um bêrço embala as ambições santas duma mãi; um bêrço é amor, é um resumo de todo o amor!

Na nossa alma ficou qualquer coisa de puro, meigo e vaporoso: azul, côr de rosa, branco, um sorriso de Nossa Senhora da Conceição, a Virgem que concebeu e foi Mãi, pairando sôbre os berços!

Maria Helena Velez Monte (14 anos)

Filiada 3.043 — Vanguardista do Centro 1 da Ala 1 — DOURO LITORAL